

Raduan e o *phaseolus vulgaris*

J. B de Souza Freitas

Conheci Raduan num **sábado** entre junho ou julho de 1996. Estimo os meses e garanto o dia e o ano em razão de *Menina a caminho*. Amizades comuns nos levaram então a participar de festa familiar no paulistano bairro do Pacaembu.

Situado em rua tranquila, o restaurado sobrado compunha-se das variadas dependências requeridas em outros tempos por famílias de classes em fase de ascensão.

No piso térreo, destacava-se o espaço destinado aos convidados: a ampla sala, integrada à copa e a um ajardinado terraço. Sobretudo ali as crianças da casa e de vários convidados comiam, corriam e algazarreavam.

Precavidamente, os adultos sem filhos pra cuidar buscavam guarida no lado de dentro. Os sofás e poltronas eram confortáveis e bem organizado era o serviço de bordo.

Não me recordo em detalhes dos desenrolares.

(Por aquele tempo, minha principal ocupação consistia em ‘tocar’ – este é o termo de rigor – uma fazendinha localizada no Norte do Paraná. Tal detalhe, como

se verá, constituiu o motivo principal dos acontecimentos que se seguiram.)

Sei que pelas tantas, a anfitriã (Silvia Carone, filha de Modesto, seu colega de Direito na USP), a garantir que tínhamos muito o que conversar) me pegou pelo braço e me conduziu até um convidado que se acomodara num sofá sem encosto em resguardado canto da sala.

Ali estava o Raduan. Fui devidamente apresentado. Ele me convidou para sentar (em algum momento uma foto foi tirada: nós dois de perfil, o que realçou as respectivas descendências libanesa e italiana).

Alegrias e agruras dos lidares agrícolas foi o tema principal da nossa conversa. (Colhi depois informações adicionais, em *Cadernos da Literatura Brasileira*, nº 2, do Instituto Moreira Sales. Sua propriedade chamava-se Fazenda Lagoa dos Sinos e localizava-se em Buri, a 270 km da capital, na região sudoeste.)

Impossível foi segurar um “puta merda!” quando ele me contou ter plantado na última temporada primavera-verão trinta alqueires de feijão.

A exclamação se explica. Feijão é uma leguminosa caprichosa. Sua produção é rápida: do plantio à colheita, noventa dias em média bastam. Se diz na roça que carece ele de tão só três águas: no plantio; quando da floração e, por fim, pra ser cozinhado. Se uma das duas águas iniciais (vale dizer, boas chuvas) falhar, lá se foi o sucesso da safra.

Por esse motivo, nunca me arrisquei em um plantio ‘solteiro’. Sempre no chamado e precavido dé-o-que-

-dé: regulado consórcio (semeado em meio às ruas) com o café. Arbusto lenhoso, perenifólio e florífero, a rubiácea se defende das agruras do clima (inesperadas ondas de frio, falta de chuva); caso isso sobrevenha, o feijão lá se vai.

Meu puta merda ganhou a compreensão e a simpatia de Raduan (o cara aí pelo jeito entende). O que o levou a esclarecer: não dependera daquela vez da boa vontade de São Pedro. Investira num sistema de irrigação, que suprisse no momento requerido a área plantada com a água devida.

Tudo explicado, a conversa derivou pra caminho talvez de meu interesse maior: livros, literatura – e, no dizer de José Mindlin, a ‘loucura mansa’ da bibliofilia.

De Raduan conhecia e emparelhados em estante mantinha *Lavoura arcaica* (obra, confidenciou, que poderia ter tomado outro rumo tivesse ele, na época, a experiência que adquirira na prática) e *Um copo de cólera*.

Faltava ali justamente o já referido *Menina a caminho*. E faltava por um motivo simples: tratava-se até aquele momento de uma edição especial, fora de comércio – destinada a autores, colaboradores, fornecedores, funcionários –, e publicada pela Companhia das Letras para comemorar seu 500º título lançado em sete e tantos anos de atividade (março de 1987 a agosto de 1994).

Em claríssimo golpe joão-sem-braço, lamentei aquela lacuna na minha *nassariana*. Foi o quanto bastou – o que num triz providenciei – para que ele pedisse meu endereço.

Nem bem semana decorrida, recebo pelos correios um pequeno envelope contendo (“com o abraço”

do autor) aquela edição do *Menina* (capa dura, formato 10x16cm, 88 pp.). Com quatro meses de antecedência, um puta presentão de Natal.

J. B. DE SOUZA FREITAS



Redator de humor, bibliófilo e ex-publicitário. Iniciou sua carreira em Bauru, no *Jornal da Cidade*. Em São Paulo, colaborou com as tevês Globo, Tupi e Bandeirantes, com as editoras Abril (revista *Playboy*) e Três (revistas *Status* e *Homem*). Publicou nos jornais *Diário de São Paulo*, *Folha de São Paulo*. Autor do livro *Objeto Voador Identificado* e *Ku + 33* outros três (Cajuina, 2020).